

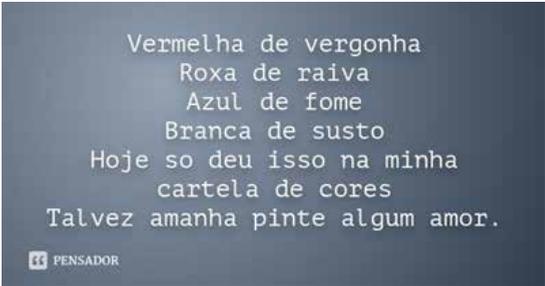
CAPÍTULO 11

“EU ESTOU ROXA DE SAUDADES”: A INTENSIFICAÇÃO DE EMOÇÕES E SENSAÇÕES POR MEIO DE CORES

Nahendi Almeida Mota

11.1 VENHA FICAR *VERDE DE SURPRESA* JUNTO COM A GENTE!

Para darmos início às discussões que comporão este capítulo, vejamos o exemplo a seguir:



Vermelha de vergonha
Roxa de raiva
Azul de fome
Branca de susto
Hoje so deu isso na minha
cartela de cores
Talvez amanha pinte algum amor.

 PENSADOR

1.

Em (1), retirado do site *Pensador*, o autor intensifica quatro emoções/sensações (“vergonha”, “raiva”, “fome” e “susto”) com quatro cores diferentes (“vermelha”, “roxa”, “azul” e “branca”, respectivamente): ao afirmar que se está “azul de fome”, por exemplo, notamos que a fome não está em seu estágio inicial, pois a pessoa usa “azul de” para mostrar um nível elevado. Logo, embora exista, em alguns casos, uma relação entre a emoção/sensação intensificada e as cores que a intensificam, uma vez que é possível haver alteração na cor da pele devido a uma emoção/sensação, veremos mais adiante que nem sempre é assim – afinal, será mesmo que ficamos *azuis* de fome? Considerando que nem sempre sofremos tal alteração na cor da nossa pele, é necessário discutir o uso desse padrão esquemático também como um recurso intensificador.

Sendo assim, neste capítulo, classificamos construções como “azul de fome” e “vermelha de raiva”, representadas pelo subesquema X_{cor} de Y, entre as construções intensificadoras com lexemas de cor, as quais, por sua vez, podem ser inseridas entre as figuras de linguagem estudadas nas aulas de português, com o objetivo de refletir sobre a relação entre as impressões causadas a partir das cores, o uso conotativo destas e a criatividade do falante. Essas construções são comuns na língua e estão presentes em variados domínios discursivos, gêneros e suportes.

Para esta análise, fundamentamo-nos teórico-metodologicamente, entre outros, em Traugott e Trousdale (2013), para o tratamento da construção com base na Gramática de Construções; em Vieira e Machado Vieira (2008), para a definição de intensificação; em Travaglia (2009), para uma atividade de gramática sob um viés reflexivo; e em Basso e Pires de Oliveira (2012), no tocante a um ensino de português por meio da investigação científica.

Pensamos em uma proposta de atividade que sirva para a introdução das figuras de linguagem, uma vez que estas ocupam parte significativa das aulas de português. Além disso, muitas vezes, nós, professoras e professores, buscamos maneiras diferentes e criativas de apresentar o conteúdo aos alunos, a fim de que eles o apreendam – a partir do trabalho docente de facilitar a percepção de determinados fenômenos, construir metalinguagem e explorar possibilidades de usos da língua – para além da nomenclatura gramatical. Adotamos, com esse intuito, uma perspectiva científica para lidar com o assunto porque acreditamos que, assim, é possível despertar a curiosidade acerca do funcionamento da língua e amadurecer a visão de mundo dos alunos, inclusive, em outras disciplinas.

Assim, nesse trabalho, apresentamos uma proposta de atividade que reúne as construções intensificadoras com lexemas de cor ao ensino e à investigação científica, em prol de aulas dinâmicas, em que os estudantes sejam ativos e produtores de conhecimento. Antes, no entanto, analisamos tais construções a fim de observar algumas de suas características formais e funcionais, bem como de averiguar seus usos em contextos reais de comunicação.

11.2 AS CORES QUE INTENSIFICAM EMOÇÕES E SENSAÇÕES

A intensificação, conforme Vieira e Machado Vieira (2008, p. 63), é um

processo cognitivo avaliativo do mundo, [...] [e] constitui um recurso semântico-argumentativo muito produtivo na língua portuguesa, empregado para indicar que a dimensão ou a intensidade de dado elemento ultrapassa os limites do que se concebe como relativamente normal/neutro a ele.

As gramáticas tradicionais (doravante GT) tratam desse processo cognitivo em diferentes seções, como nas destinadas à explicação dos advérbios, mais especificamente dos advérbios de intensidade (“muito” e “bastante”, por exemplo), e das figuras de linguagem, principalmente da hipérbole. Para ilustrar, recorreremos à *Gramática normativa da língua portuguesa*, do Rocha Lima (2020, p. 600), na qual a hipérbole está localizada no mesmo espaço em que se aborda a metáfora e é definida como “a figura do exagero”, “exagerações autorizadas pelo uso”. Como exemplo, o gramático cita “morro de saudades”, “estourou de rir”, “ser louca pelos filhos” etc. É entre elas que inserimos as construções intensificadoras com lexemas de cor. Vejamos mais alguns dados de uso:

@juliaarrudah essa mulher e doida de falar uma coisa dessa logo aqui no brasil ,eu preciso ver a entrevista sobre isso! to **branca de odio.**

8:17 PM - 2 de jun de 2010 - Twitter Web Client

2.



3.

Como podemos notar, em (2)¹ e (3)², retirados, respectivamente, do *Twitter* e do *Instagram*, as cores estão contribuindo para a intensificação de emoções (“branca de ódio” e “roxa de saudades”) que podem ou não acarretar mudança na cor da pele. Mas não são apenas essas as cores acionadas para contextos de intensificação nem são as emoções e sensações anteriormente mencionadas as únicas intensificadas. Uma breve busca no *Twitter* ajuda-nos a encontrar *tweets* com ocorrências de outras construções, como “vermelha de vergonha/amor”, “azul/preto de fome”, “amarela de preguiça” etc. Esses usos, metafóricos/conotativos, deixam de acionar o significado da cor e passam a servir para intensificar o que está posposto a ela, isto é, colaboram para a intensificação do sentimento de vergonha e da sensação de fome/preguiça, por exemplo – de modo que há extensão metafórica de uso das cores.

Partindo dessa ilustração, é interessante refletir sobre alguns fatores que contribuem para que essas construções sejam entendidas de maneira metafórica. Dentre eles, selecionamos dois: (i) as alterações de cor da pele sofridas por algumas pessoas e (ii) as sensações e emoções intensificadas por tais construções.

Quanto à alteração na cor da pele, vale destacar, por exemplo, que muitas pessoas, ao sentirem muita vergonha ou ao darem uma longa gargalhada, têm a cor de sua pele levemente alterada, a qual acaba ficando avermelhada – situação ilustrada por Machado de Assis, em *Dom Casmurro* (Capítulo XLVIII), quando, em uma determinada situação, Capitu sofre alteração de cor em seu rosto.

4. “– Não há de ser assim, continuei. Dizem que não estamos em idade de casar, que somos crianças, criançolas, – já ouvi dizer criançolas. Bem; mas dois ou três anos passam depressa. Você jura uma coisa? Jura que só há de casar comigo? Capitu não hesitou em jurar, e até lhe vi **as faces vermelhas de prazer**. Jurou duas vezes e uma terceira:
– Ainda que você case com outra, cumprirei o meu juramento, não casando nunca [...]”.³

Da mesma forma, ao tomar uma queda ou bater uma parte do corpo em algum lugar, é possível que a pele fique arroxeadada. Por analogia – sendo esta, inclusive, outra figura de linguagem estudada nas aulas de português – entre essas alterações e o fato de elas ocorrerem devido a uma sensação/emoção experienciada intensamente, há, a partir daí, uma extensão de uso, que licencia a intensificação de outras sensações e emoções (como “fome”, “preguiça”, “amor” etc.). Então, o que temos notado é que algumas construções (como “vermelha de vergonha”) servem como um gatilho para usos mais abstratos, com emoções e sensações que não interferem na coloração da pele. Além disso, essa mesma construção pode ser usada tanto literalmente, quando a

1 Disponível em: <https://twitter.com/NayaraAquino_/status/15283800737>. Acesso em: 9 out. 2020.

2 Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBjz70RnNe5/>>. Acesso em: 9 out. 2020.

3 ASSIS, Machado de. 1938-1908. *Dom Casmurro* [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edição Câmara, 2016. Versão EPUB (grifo nosso).

pessoa realmente fica com o rosto avermelhado, ou metaforicamente, fruto da extensão semântica provocada pelo uso com valor intensivo.

Nas construções oriundas dessa extensão de uso, diversas são as emoções e as sensações que preenchem o espaço da construção destinado ao que está sendo intensificado: o Y em X_{cor} de Y. Por isso, é interessante analisar as nuances envolvidas aí, como o teor dessas sensações/emoções (se positivo, negativo ou neutro). Quanto a isso, o que temos notado é que ele (o teor), em geral, é negativo (“raiva”, “ódio”, “tristeza”, “ciúme”), embora também existam ocorrências de elementos neutros (“vergonha”, a depender do contexto) e, em menor frequência, positivos (“alegria” e “amor”) (MOTA; MACHADO VIEIRA, 2020) – característica notável nos exemplos apresentados até aqui.

Na próxima seção, situamos essas construções em alguns contextos de uso e apresentamos exemplos que ilustram o quanto elas estão presentes tanto em gêneros orais quanto em gêneros escritos, com ênfase nestes últimos.

11.3 QUANDO DIZEMOS ESTAR AZUIS DE FOME, ROXOS DE RAIVA, VERMELHOS DE VERGONHA?

Pelas nossas pesquisas até o momento, as construções intensificadoras com lexe-
mas de cor, representadas pelo subesquema X_{cor} de Y, estão presentes tanto na moda-
lidade oral quanto na modalidade escrita da língua. Porém, seus usos não parecem ser
comuns em determinados domínios discursivos, como textos escritos de elevada
monitoração estilística, a exemplo dos trabalhos acadêmicos. A nossa hipótese quanto
a isso é que, por serem construções diretamente associadas ao corpo e às emoções/
sensações, elas tendem a ser acionadas por domínios que também os envolvam, como
alguns atos de fala (desabafos, julgamentos pessoais, análises de situações rotineiras,
entre outros).

Logo, embora já tenhamos analisado as construções intensificadoras com lexemas
de cor anteriormente, nesta seção, as situamos em diferentes domínios discursivos,
enfazando, portanto, os contextos de uso em que elas aparecem. Vejamos alguns
exemplos.

5. “[...] – Por que não?

– Sim, por que não? – repetiu Helmholtz. Ele também esquecera as realidades
desagradáveis da situação. **Verde de ansiedade e temor**, Bernard era o único
que se lembrava; os outros não lhe deram atenção. – Por que não? [...]”⁴

4 HUXLEY, Aldous. 1894-1963. Admirável mundo novo. Tradução Vidal de Oliveira. 22ª ed, São Paulo: Globo, 2014 (grifo nosso).

Grande recepção

Amigos e aliados políticos do governador Marcelo Déda prometem fazer uma grande manifestação para recepcioná-lo, no início da tarde de hoje, no Aeroporto de Aracaju. De lá, seguem em carreta pelas ruas de Aracaju para comemorar a decisão unânime do TSE. O petista foi ontem para Brasília visando acompanhar o julgamento do processo aberto contra ele no início do mandato. A ordem dos organizadores da carreta é deixar a capital **vermelha de alegria**.

6.

Em (5), exemplo retirado do livro “Admirável Mundo Novo”, o gênero textual é literário, um romance. Para intensificar os sentimentos de ansiedade e temor, o tradutor optou por preencher o primeiro espaço do subesquema com “verde” – considerado por nós um item inovador e surpreendente nessa posição, menos usual do que “roxo” e “vermelho”, por exemplo. Embora seja uma tradução, esse dado é válido, visto que, se essa construção não fosse licenciada pelo português nem entendida pelos falantes, o tradutor não a teria utilizado, além de que seu uso serve para reforçar que o sentido está na construção e não necessariamente na soma dos sentidos das partes.

Já em (6)⁵, retirado de um *blog*, o gênero é um artigo de opinião sobre política, e a construção faz alusão à cor do Partido dos Trabalhadores (PT) ao mesmo tempo que intensifica o elemento posposto à “vermelha de”, no caso, “alegria”. Assim, aproveitou-se a referência à cor do partido para, por analogia, mostrar a intenção dos organizadores da carreta: deixar a capital vermelha de alegria – cor utilizada tanto por causa do partido quanto para intensificar –, o que proporcionou uma associação entre a cor intensificadora e a emoção que ela intensifica.

Essas construções são tão comuns em nosso dia a dia que estão presentes, entre outros, em capas de revistas, em títulos de livros e em nomes de restaurantes, como nos exemplos a seguir, respectivamente.



Na capa da revista⁶, há uma denúncia ao alerta laranja em Curitiba devido ao número de contaminados pelo coronavírus; e, a partir daí, devido à vergonha sentida

5 Disponível em: <<https://infonet.com.br/blogs/dia-do-fica/>>. Acesso em: 2 out. 2020.

6 Disponível em: <<https://www.facebook.com/147199168970335/photos/a.147566785600240/1170428856647356/?type=3&theater>>. Acesso em: 16 out. 2020.

diante de tal notícia, a revista usa “laranja de vergonha” – logo, há um jogo de associações, aqui, entre “alerta *laranja*” e estar “*laranja de vergonha*”. No título do livro⁷, que classifica em sete os graus de irritação feminina e masculina, o autor optou por apresentar esses graus utilizando a cor “verde”. Por fim, no nome do restaurante⁸, os donos também optaram pela cor “verde”, mas, dessa vez, para intensificar “fome”. Esses três dados ilustram a gama de possibilidades de uso das construções intensificadoras com lexemas de cor nos mais variados contextos.

Logo, é interessante levar tais usos para a sala de aula – posto que eles alcançam dimensões discursivo-pragmáticas diversas (diferentes gêneros e diferentes espaços sociais, como capas de revista, nomes de estabelecimentos etc.) – com o objetivo de fazer com que os alunos observem as relações entre língua e aspectos socioculturais e cognitivos, e, possivelmente, criem hipóteses para esses usos, de modo que eles passem a analisar os recursos existentes em sua língua materna para a construção de sentidos. Assim, indo ao encontro do que afirmava Feynman, físico que ganhou o Nobel de Física em 1965, que acreditava em um ensino que motivasse o aluno a saber algo simplesmente pelo prazer que isso causa, nossa proposta é introduzir o conteúdo “figuras de linguagem” a partir de uma atividade que parta de algo mais próximo dos estudantes, a fim de os mostrar esses usos de uma maneira criativa, diferente e científica.

11.4 PARA SE FAMILIARIZAR!

Conforme Basso e Pires de Oliveira (2012), para que o aluno amadureça suas habilidades discursivas e, a partir delas, a metalinguagem, é pertinente que o ensino seja feito por meio do método científico, isto é, observar os dados, elaborar, testar e questionar hipóteses etc. Travaglia (2009), por sua vez, já defendia o ensino de língua segundo a perspectiva científica, tanto que sugere um trabalho com a gramática reflexiva (mas não só), ou seja, aquela que trata da significação dos recursos linguísticos em situações específicas e reais de interação, proporcionando, assim, a relação entre semântica e pragmática.

Em consonância com esse pensamento, nesta seção, apresentamos uma proposta de atividade amparada no passo a passo da investigação científica – que pode ser realizada em grupo ou individualmente e deve ser adequada à faixa etária da turma. Para tanto, sugerimos cinco etapas: (i) construção de hipóteses; (ii) coleta e observação de dados, (iii) análise dos dados, (iv) conclusões e (v) dúvidas.

Antes de tudo, pensamos em uma atividade prévia, de “aquecimento”. Nesta, algumas sentenças, retiradas de situações de uso (como *memes*, notícias, *outdoors*, entre outros), serão apresentadas aos alunos, como: “chorei *muito*” (advérbio de intensidade) e “chorei *muito muito*” (repetição), bem como construções mais inovadoras, como “chorei horrores” e “chorei pencas/prá caramba”. Nesse momento, pediremos aos alu-

7 Disponível em: <https://www.amazon.com.br/gp/product/8565158306?pf_rd_r=N3VGX5VMJVV-TAWK5TPWZ&pf_rd_p=72a7651a-a7d8-4551-b248-c61480b6ce6e>. Acesso em: 8 out. 2020.

8 Disponível em: <https://www.facebook.com/verdedefomesor/>. Acesso em: 8 out. 2020.

nos que eles identifiquem o que há em comum entre esses enunciados. Assim que eles verificarem que é a intensidade, podemos debater sobre diversas maneiras de intensificar e direcionar a conversa para as figuras de linguagem, em específico, para a hipérbole.

Aqui, damos início ao passo a passo científico anteriormente mencionado. Para tanto, apresentamos as figuras de linguagem⁹, dentre as quais está a hipérbole, em que as construções intensificadoras com lexemas de cor são inseridas. Em seguida, solicitamos que eles elaborem hipóteses quanto aos seus usos. Para estimular o raciocínio, as seguintes perguntas, entre outras, podem ser levantadas:

- i. Qual é a função dessa construção/expressão na sentença/no texto?
- ii. Quais as cores que aparecem (e as que não aparecem) nesse subesquema X_{cor} de Y?
- iii. Por que as cores são usadas para intensificar?
- iv. O que elas intensificam? Cite exemplos.

A partir dessas perguntas, e com a possibilidade de muitas outras surgirem, os alunos elaborarão hipóteses – uma para cada pergunta formulada, momento em que colocarão no papel as suas primeiras impressões sobre os dados. Para verificá-las, passaremos para a próxima etapa: a de coleta e observação dos dados.

Aqui, solicitaremos que os alunos colem dados. Para isso, é importante que os orientemos quanto à escolha de um corpus, que deverá ser justificada. Uma sugestão é o *Twitter*, rede social bastante acessível e que permite que pesquisemos construções específicas, além de ser conhecida e dominada por muitos deles. Após tal escolha, eles precisarão tomar algumas decisões no tocante ao *corpus*: quais cores serão coletadas, quantos serão os dados, onde estes serão armazenados etc. A coleta, claro, não precisa ser de um número elevado de dados; é possível, por exemplo, que cada aluno/grupo fique responsável por uma cor e colete os vinte primeiros dados do *Twitter* ou outra rede social ou *site* em que ela apareça.

Após coletar e organizar os dados, daremos início à etapa de observação. Para estimular o raciocínio dos alunos, as seguintes perguntas podem ser levantadas:

- v. Quais as temáticas dos *tweets* (se o *Twitter* for o escolhido para a coleta) em que essa construção/expressão aparece?
- vi. Os dados têm características (sintáticas, semânticas) em comum?
- vii. É possível identificar algum padrão discursivo?
- viii. Outras palavras podem ser utilizadas no lugar da cor, de modo que a ideia de intensificação não se perca?
- ix. Quais as palavras que aparecem imediatamente após o subesquema X_{cor} de Y?
- x. Há relação entre o uso desse(a) subesquema/expressão e os propósitos comunicativos dos dados coletados?

9 Inclusive, esse passo a passo também pode ser utilizado no trabalho com outras figuras de linguagem.

Além dessas perguntas, também é importante retomar as hipóteses e verificar se os dados coletados ajudam a respondê-las de modo mais eficiente. Também é possível averiguar, a partir da pergunta (viii), se a substituição da cor acionaria uma significação parecida ou se haveria alteração no efeito de sentido gerado, se essas construções são recorrentes em contextos variados etc.

Em seguida, olhando para os dados e retomando as hipóteses, iniciaremos a análise. Aqui, os alunos poderão organizar os dados em tabelas (no *Word* ou no *Excel*), trabalhar com porcentagens e testes, por exemplo – etapa, inclusive, que pode ser realizada por meio de um trabalho interdisciplinar. Esse momento é interessante não só para a análise dos dados em si, como também para o desenvolvimento do pensamento científico dos alunos.

Por fim, eles apresentarão os resultados alcançados. Isso poderá ser feito por meio de apresentações e/ou de texto escrito – etapa pertinente, ainda, para o treinamento e o reconhecimento de gêneros textuais de maior monitoração estilística, como seminário, na modalidade oral, e/ou artigo científico ou artigos de divulgação científica, a exemplo daqueles publicados em revistas, como *Superinteressante*¹⁰ e *Roseta*¹¹, na modalidade escrita. Nesse momento, os alunos também poderão listar as dúvidas que surgiram durante todo o processo, o que foi feito para saná-las, se alguma etapa foi mais complicada do que outra etc.

Essas atividades vão ao encontro do trabalho de desenvolvimento da gramática reflexiva, sugerido por Travaglia (2009), isto é, visa à exposição e à compreensão de recursos linguísticos associados a dados reais de usos, a fim de que os alunos se deem conta das diferentes expressões que nós podemos acionar para intensificar a percepção que temos do mundo ao nosso redor.

11.5 RESUMINDO O ARCO-ÍRIS DE EMOÇÕES E SENSAÇÕES...

Tentamos, neste capítulo, tratar a língua de modo que ficasse um pouco visível o quão fascinante é o seu funcionamento e como os recursos linguísticos – com ênfase nas construções intensificadoras com lexemas de cor – geram efeitos de sentido e estão associados à maneira como a nossa mente trabalha e a aspectos discursivos, pragmáticos e socioculturais que nos circundam. Assim, se tivéssemos que resumir a ideia do capítulo em algumas palavras-chave, estas seriam construções intensificadoras com lexemas de cor, figuras de linguagem, ensino científico, criatividade e gramática reflexiva.

As construções em estudo, como se pôde notar, ocorrem em domínios discursivos diversos e, devido à extensão de uso, perdem a relação que existia entre as alterações de cor na pele e as sensações e emoções que as causaram e passam a ser utilizadas metaforicamente também. E, ao introduzir o assunto escolar “figuras de linguagem”, mais especificamente a “hipérbole”, com expressões que fazem parte do repertório

10 Disponível em: <https://super.abril.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

11 Disponível em: <https://www.roseta.org.br/en/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

linguístico dos alunos, almejamos instigar reflexões sobre seus usos, sobretudo o metafórico.

Assim, sugerimos uma atividade centrada em uma investigação científica, composta pelo passo a passo metodológico que envolve coleta de dados, observação, hipóteses, constatações e dúvidas. Dessa forma, colaboraremos para o desenvolvimento da percepção dos estudantes acerca da própria língua.

11.6 FIQUEI ROSA DE CURIOSIDADE! QUERO MAIS!

BASSO, Renato Miguel; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Feynman, a linguística e a curiosidade, revisitado. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, jan./jun. 2012, p. 13-40.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 56ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

MOTA, Nahendi Almeida; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. A construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro. *Revista Linguística*. (RIO DE JANEIRO), v. 16, p. 50-68, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/33904>. Acesso em: 08 out. 2020.

TRAUOGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009, 245 p.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. A expressão de grau: para além da morfologia. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 1, p. 63-83, 2008.